

Íntegra da fala do EGD José Carlos Estorninho, do D-1960 de Portugal

Meus queridos companheiros.

Há cerca de 15 anos que venho seguindo com este ou outro formato, neste ou noutros locais estas reuniões. Posteriormente, estive também até a última rotária, tive o privilegio de presidir a Comissão Executiva das CIPs da Europa, que abrange das zonas 10 a 19, envolvendo a Europa e toda a África.

Ao longo desses anos temos falado muito recorrentemente de muitas coisas, quase sempre das mesmas coisas. E alguma coisa foi feita, reconhecimento.

Pouca coisa, com muito esforço, amor, carinho empenhamento, dificuldade, mas eu não seria sério se dissesse que estava satisfeito com o que foi realizado.

É muito pouco. O mundo nasce todos os dias, os problemas crescem em progressão geométrica.

Nós somos cidadãos do mundo, somos cidadãos de um espaço da lusofonia e, além disso, somos rotários. Nós somos enormemente responsáveis. Nós vemos, ouvimos e falamos não podemos ignorar! Nós não podemos continuar gastando nosso tempo, recorrentemente falando, dispersando uma série de coisas, enquanto lá fora os outros esperam pela nossa atitude.

A paz e a compreensão mundial entre os povos são objetivos de Rotary. Parte de cada um de nós. É a somatória de nossa paz interior e não podemos esperar paz dos subnutridos, dos subalimentados, dos doentes, dos carecidos, dos analfabetos. Não podemos. É nossa

responsabilidade. Temos que exercer a nossa cidadania, a nossa cidadania em termos mundiais, rotários e de espaço lusófono.

Somos 260 milhões, mas não estamos todos aqui em quatro continentes. A lusofonia espalha-se pelo mundo. Não está junto aqui no monte e temos a obrigação de providenciar pelo bem-estar, pela paz e pelas condições de vida dos nossos concidadãos e, sobretudo, daqueles que falam a língua portuguesa.

O que me permitiria sugerir, como eu gostaria sempre nestas reuniões, se fizesse um relatório de prestação de contas do que foi feito e o plano de atividades daquilo que há por fazer.

Como eu gostaria que isso acontecesse. Que daqui saísse um plano de atividades, que elencássemos prioridades; estabelecêssemos um plano; falássemos só naquilo que vai ser feito e no que já se fez; e que nos uníssemos num projeto, de grande porte, as causas dos PALOP como o Rotary tem as causas dos pobres; elencássemos um projeto que nos unisse, fosse exequível, conseguíssemos fazê-lo e que não nos dispersássemos permanentemente nesses pequenos problemas do dia-a-dia que sabemos são, obviamente, grandes. Mas que não nos dispersássemos e fizéssemos o possível.

O sonho comanda a vida. A vida é feita de sonhos, sobretudo aquilo que realizamos, e nós rotários temos que ter uma porcentagem grande, um componente grande de sonhos. Nós temos que ser realistas. Temos que ser utópicos o quanto basta.

Mas temos que elencar. Temos que avançar. Não podemos passar a vida sempre falando. Temos que agir. Eu vim a sugerir isso. Vim a sugerir, como aqui já foi dito por nosso companheiro, que elaborássemos um plano estratégico; que fizéssemos e que chegássemos aqui todos os anos, aqui ou noutra sede qualquer, e disséssemos: está feito e o que vamos fazer a seguir!

Eu não digo passar vergonha, mas tive conhecimento, há cerca de 5 anos, que suíços, que nada têm haver com a lusofonia, têm um programa de desativação de minas terrestres em Angola. Denominado Mine-Ex, querem contribuir para que minas, primeiro, não existam. Mas se tivessem de existir, tenham um período de vida curto; um mês de vida; e não ficassem permanentemente a martirizar jovens e adultos os quais, inadvertidamente, ponham um pé e ficam incapacitados.

Isso é possível. É exequível. Não é uma utopia. Nós podemos fazer. Sentemo-nos, juntemo-nos, partilhemo-nos dessa responsabilidade. Sonhemos juntos e daqui um ano cheguemo-nos aqui a dizer: fizemos e vamos continuar a fazer.

Muito Obrigado.